

CONTRA A ESPERANÇA

AGAINST HOPE

MANUEL CURADO

(CASCAIS, 22 DE JUNHO DE 2025)

1

Fascinados como estamos por ideias filosóficas que parecem ter enriquecido a nossa vida, não nos apercebemos de um embaraço desagradável. É este: se olharmos à nossa volta, reparamos que tudo é semelhante a tudo em algum aspecto. Ora, a Filosofia, na sua história de vinte e seis séculos, não conseguiu oferecer à humanidade um único assunto que seja radicalmente diferente dos outros. Afinal, se tudo é semelhante a tudo em algum aspecto, constrangimento metafísico que limita tudo – absolutamente tudo – o que os seres humanos podem pensar, não está ao alcance da Filosofia oferecer um assunto que não tenha qualquer semelhança com outros assuntos já conhecidos. Isso é impossível, é um limite intransponível, não apenas para a Filosofia, mas para todas as ciências e actividades humanas.

A Filosofia não é caso único. O método científico, pasme-se, também não ofereceu à humanidade algum objecto ou assunto que não partilhe semelhanças com outras coisas. A galáxia mais distante, por exemplo, obedece às mesmas leis físicas que organizam o chão em que temos os pés e, obviamente, partilha a existência com ele. O método científico é uma ferramenta da inteligência humana que só se pode aplicar ao que é semelhante; se, por hipótese meramente exploratória, existisse alguma coisa radicalmente diferente, que não fosse semelhante em algum aspecto a qualquer outra coisa, não poderia ser investigada por esse método. A acção humana em geral está refém do mesmo constrangimento. Veja-se um caso especialmente lisonjeador da nossa alegada capacidade de descobrir coisas novas. Os Portugueses gostam da sua história rica em momentos de descoberta do mundo. O problema, quando se vê com atenção o que se passou nesses momentos e se lê a vasta biblioteca a que deram origem, é que

só se descobriu o que é semelhante ao que já existia e já se conhecia. Foram eles os primeiros europeus a chegar por via marítima ao Japão? Certamente, e isso parece meritório, mas aquilo que aí se descobriu era semelhante ao que existia na Europa: pessoas, plantas e objectos. Os Japoneses organizam-se politicamente, têm leis, arte e crenças religiosas, exactamente como qualquer outro povo do planeta. Não há ser vivo no Japão que não tenha código genético, e a terra e rochas locais derivaram de processos comuns às terras e rochas de outras partes do mundo. Poderemos passar anos a fazer listagens exaustivas das semelhanças que irmanam o Japão a qualquer outro lugar do mundo, a começar pela Europa que fez viagens marítimas até ele. O país mais exótico e distante para os Europeus nunca conseguiu saciar a sede que estes tinham do Diferente. Só encontraram o Mesmo.

Como é claro, se as coisas que alegadamente se “descobriram” são semelhantes às que existiam antes de se fazer a viagem, não teria sido necessário fazer essa viagem até essas terras. E podemos generalizar esta verificação, porque o mesmo acontece em qualquer outra viagem, incluindo viagens filosóficas. Não é necessário fazê-las e é possível que não valha a pena fazê-las. Afinal, os momentos anteriores a começar a pensar e os momentos posteriores a ter pensado são semelhantes. São, aliás, mais semelhantes do que diferentes, porque rapidamente se vê que, nos aspectos fundamentais, há semelhança total, ficando a diferença acantonada numa periferia irrelevante, subjectiva e opinativa. As pessoas antes de pensar e depois de pensar, para o fazerem, precisam de ocupar espaço e durar ao longo do tempo; precisam de ter corpos vivos; precisam de linguagem; etc. É possível que não exista de facto diferença, e que tudo o que parece dessa forma se limite a equívoco ou ilusão. A semelhança é assimétrica em relação à diferença; não é metade de um assunto,

mas a totalidade dele.

Como crescemos doutrinados pela esperança da compreensão, e somos hoje bombardeados por notícias de descobertas infundáveis da investigação científica – os milésimos rostos do mito do herói, relembrando Joseph Campbell –, parece-nos evidente que está ao nosso alcance precisamente isso, a compreensão das coisas e a descoberta de coisas novas. Ora isso é ilusório. Todas as coisas que andamos a dizer com leviandade que “compreendemos” e todas as coisas que andamos a proclamar com entusiasmo pueril que “descobrimos” são semelhantes ao que já conhecíamos e ao que já existia antes das nossas bravatas. Note-se isto: para onde quer que possamos olhar, não há um único assunto que seja excepção ao constrangimento de todas as coisas serem semelhantes a todas as coisas em algum aspecto. Repito: não há um único. Sublinhemos esta verdade crua: não há nada no Japão que não exista também na Europa e em qualquer outra zona do mundo. Onde está o Japão, poderemos pôr qualquer outra coisa. Em todas as direcções da atenção, da acção e do cuidado, só encontramos o Mesmo. É essa a nossa terra. Nunca sairemos dela: não tem lado de fora.

Se bem compreendemos este constrangimento, não vale a pena fazer qualquer tipo de viagem, incluindo as viagens literárias, científicas, religiosas ou outras. O Japão é um símbolo perfeito das viagens para nada. Se o que podemos encontrar no distante Japão é semelhante ao que temos em Lisboa, porquê a ideia de ir até lá, porquê o incómodo de fazer a viagem, porquê o entusiasmo de a realizar, porquê a mentira final de que foi bom fazê-la? Estas questões são ociosas, porque se limitam a considerar o que já aconteceu e o que sempre acontecerá, mas têm a virtude de auxiliar a ver que, de facto, a viagem não passou de um enorme equívoco.

Para viagens mais espirituais, há outros símbolos perfeitos. Platão enganou-nos com a história de que a vida fora da caverna é melhor do que a vida dentro da caverna, e enganou-nos porque, quando vemos o que existe fora da caverna, percebemos que é seme-

lhante ao que existe dentro da caverna, a começar pelas pessoas que tanto vivem na sombra quanto na luz, não esquecendo também que o dentro e o fora têm continuidade, não estando apartados por abismo intransponível. Sabemos tanto e tão pouco fora da caverna quanto dentro, mas uma história vasta de educadores e legisladores tentou convencer-nos de que seria bom sairmos das trevas e alcançar a luz. Coitados, o que poderiam eles ter sugerido que não fosse uma mera alteração de lugar ou uma pequena distração porque, afinal, nada mais há a fazer? Nessa telenovela de vidas planeadas para nós, quando chegamos à luz rapidamente vemos que apenas mudámos de caverna. É tudo emprestado: sombras, luz, companheiros de infortúnio, salvadores, saída, compreensão a conta-gotas, existência. Quando se põe lado a lado a vida dentro e a vida fora da caverna, percebe-se a semelhança: a caverna existe, as sombras existem, os grilhões existem, tal como a luz do Sol existe. Um miserável mito de libertação simboliza séculos de Filosofia. Não há compreensão total nem dentro nem fora, nem antes da salvação nem depois.

Aliás, não há compreensão de todo; há um sucedâneo de má qualidade: entretenimento dentro da caverna e entretenimento fora da caverna. Depois de um dia a ver as belezas que existem fora da caverna, o deslumbrado verifica que não tem poderes ilimitados e que tem que comer e dormir como fazia dentro da caverna. Sem mais nem menos. Exactamente a mesma coisa, não esquecendo que a caverna também tem muitas belezas e jogos de luz e som fascinantes. No fim do entretenimento, tanto os que continuam escravos quanto os que alegadamente foram salvos serão levados. Não lhes valeu de nada o entretenimento numa vida em que tudo foi emprestado, incluindo dores e alegrias, desânimos e esperanças, servidão e libertação. Dentro e fora, libertação para nada, salvação para nada, Filosofia para nada.

Todas as viagens da nossa vida estão reféns deste embaraço, como se poderia denominar, incluindo a viagem filosófica, a viagem científica, a viagem política, a viagem artística, a viagem religiosa e –

porque não? – a viagem amorosa. Todas estas actividades promovem-se à sombra da esperança de que o final da viagem que cada uma delas propõe irá oferecer- nos algo que não tínhamos antes, algo que alegadamente não será semelhante a todas as outras coisas em algum aspecto. Essa esperança não tem fundamento, seja do lado do constrangimento, seja do lado da bondade que parece resultar das viagens que se realizam. Cada coisa boa que parece que alcançamos quando passamos da ignorância ao conhecimento é paga ao preço elevado de muitas outras que perdemos e ao preço ainda mais elevado de males que vêm por arrasto. Hipnotizados pela aparência de novidade, não fazemos bem as contas. Não vemos que a semelhança tem império sobre tudo, não vemos que todas as alegadas coisas boas que conseguimos por cada viagem são acompanhadas por uma coorte de males associados, e não vemos que dos males poderão surgir muitos outros bens, e que esta forma de existir organiza tudo à nossa volta. Mais importante ainda: não vemos que nada de novo derivou das viagens que fizemos; o que parece que era novo limita-se a variações do que sempre existiu.

Do ponto de vista metafísico, tudo está nivelado, como se não acontecesse nada no mundo, como se não existissem objectos, como se as pessoas fossem irrelevantes. É um pouco como o engano da perspectiva: as bermas de uma estrada parece que se encontram no infinito, mas quando nos damos ao incómodo de ir verificar se isso acontece ou não, vemos que as bermas nunca se encontram. Todavia, é uma ilusão estável que põe parte de nós nas coisas, de tal forma que não conseguimos ver como elas são, mas apenas como elas nos parecem. O mundo não tem perspectiva, não tem cores, não tem liquidez, não tem solidez, não tem Japão para onde possamos navegar, não tem uma Grécia filosófica que nos possa esclarecer, não tem um lado de fora da caverna que seja totalmente diferente do lado de dentro. Este é o panorama geral. Outras actividades mostram também isso. Veja-se a Política. Não há agenda política que não seja semelhante em algum aspecto ao que sempre existiu. A diferença entre viver em ditadura e em democracia é irrelevante: não há nada que um

sistema político possa dar que não seja semelhante ao que o outro também possa dar, se bem que as pessoas gostem de se iludir dizendo que um é “melhor” do que o outro, e que o sentido das suas vidas está em lutar por um e abandonar o outro. É possível tomar um bom café na Rua Tverskaya, em Moscovo, em 2025, num passeio agradável até à Praça Vermelha. Lichtenberg, num dos seus aforismos, disse que, se descrevermos o Inferno e o calor que lá existe aos Esquimós, eles apreciarão muito esse lugar. E esta sabedoria poderá ser generalizada: a caverna e a mais terrível das ditaduras são óptimos sítios para se estar: pelo menos o café é bom, para nada dizer da qualidade técnica dos grilhões e da arte muito desenvolvida de produzir boas torturas. Os rótulos de “democracia” e “ditadura” não passam de bermas de estrada que se encontram no infinito. Se nos dermos ao incómodo de verificar, o que esses rótulos indicam é estranhamente semelhante. Como o café e os passeios ao sol. Se verificássemos de facto (o que raras vezes acontece), concluiríamos que a mais terrível das ditaduras tem um pequeno número de pessoas a governar um grande número, e o mesmo acontece na mais simpática das democracias: um pequeno número governa um grande número de pessoas. De facto, os dois sistemas políticos são variantes da oligarquia, o governo dos poucos. Não há nada de único ou de original nos sistemas políticos, porque obedecem todos a constrangimentos computacionais, organizacionais e metafísicos semelhantes aos que tutelam orquestras com maestros, exércitos com generais e corpos com cérebros, só para dar alguns exemplos. As pessoas que defendem que um desses sistemas é preferível ao outro esquecem-se que os Esquimós gostam muito de histórias sobre lugares quentes e esquecem-se do maior dos embaraços filosóficos: a semelhança metafísica de todas as coisas, e, obviamente, também esquecem que todos os bens alcançados implicam a perda de algum outro bem ou até a chegada de muitos males de que não se apercebem. Tudo tem sombra, mas, porque a credulidade não tem limites, acreditamos que as coisas boas e novas e únicas e irrepetíveis e salvadoras estão ao nosso alcance. A Filosofia contribui para essa cegueira, porque propõe a bondade do esclarecimento, nada dizendo às pessoas sobre

o que está na sombra dessa bondade. É uma versão racionalizada de mitos antigos que prometem formas sublimadas de vida: a do bardo, do curador, do herói, do mago, do oráculo, do pioneiro...

Noutras área da vida acontece a mesma coisa. Não há obra de arte nova que não partilhe propriedades com as obras de arte mais velhas. Até as muitas religiões que o planeta já conheceu só deram à humanidade o que é semelhante ao que já existia antes de elas aparecerem. Podemos passar anos a procurar alguma actividade ou área que seja excepção. Não as encontraremos. Todas partilham esse constrangimento e todas partilham ontologias semelhantes. Os eventos mais estranhos de que há registo são semelhantes aos mais triviais, e, quando paramos para pensar neles, vemos que têm a mesmíssima ontologia. Só para dar alguns exemplos, podemos estudar as alucinações induzidas pelo ayahuasca nos índios sul-americanos, ou os deuses e demónios mencionados na Bíblia ou a epidemia contemporânea de interesse por extraterrestres, etc., que só descobrimos o mesmo: entidades muito semelhantes ao que somos no espaço, no tempo, no eixo de simetria dos seus corpos, e, obviamente, na propriedade geral da existência. Em 1966, o escritor inglês Alan Watts reflectiu sobre o facto de parecermos tubos, máquinas de entrada de alguma coisa e saída de alguma coisa. Qualquer aspecto da vida dos seres humanos é semelhante a um tubo: a educação é um tubo, o crescimento é um tubo, o amor é um tubo, a política em que participamos é um tubo, as quezílias que temos com outras pessoas são tubos e as guerras entre países também são tubos. Entra alguma coisa, e sai alguma coisa. Não há excepções. Os salvadores das religiões mundiais são também tubos: fazem coreografias engraçadas, convencem uns e não convencem outros, e alguma coisa resulta de tudo isso. Como tubos, nem mais nem menos. É até engraçado ver a semelhança entre os salvadores das religiões mundiais e os filósofos, os médicos e os cientistas. Os primeiros nunca explicam por que razão não salvam todas as pessoas ao mesmo tempo, mas apenas a conta-gotas, e com os outros passa-se exactamente a mesma coisa: o pequeno esclarecimento que têm a oferecer acontece também a conta-gotas. Temos

medicina desde os Gregos, e não se compreende por que razão os médicos não acabam de vez com as doenças e morte. Não há cientista que possa dizer que sabe tudo quanto há a saber sobre o mais simples dos objectos. Quanto aos filósofos, arrastam infundavelmente as questões, atribuindo à criatividade de algumas personalidades o facto de as dúvidas contribuírem para a compreensão da realidade, escondendo de todos que isso nunca acontece de facto e que apenas encontram o que é semelhante e dizem coisas que são semelhantes a outras coisas já ditas. Todos eles são salvadores incompetentes: fazem o teatro da salvação, mas nada acontece de diferente. A Salvação não está ao nosso alcance. Nunca esteve. Nunca estará. No Inferno ou no Paraíso, se existirem, teremos os mesmos constrangimentos que em Lisboa, em Moscovo e em Tóquio.

2

Por uma estranha ordem de coisas, as pessoas acham que tudo isto é normal. Não conheço alguém que reconheça que há qualquer coisa de errado em tudo isto, que reconheça que o que a Filosofia, a Ciência e a Religião têm andado a fazer há mais de dois milénios e meio não adiantou grande coisa, e que as vidas que vivemos têm algo de sórdido, como se não fossem suficientemente reais. As pessoas entretêm-se com tudo isso, e depois serão levadas por uma ordem de coisas que nunca compreenderão. Na redoma onde vivem, entretêm-se com isto ou com aquilo, para nada.

Não há forma de silenciar o incómodo perante este embaraço. Poderíamos fazê-lo, certamente, atribuindo à representação que fazemos da realidade a origem do problema. Alguém poderia vir em socorro e propor novas formas de representação. O resultado seria o mesmo. Poderemos apostar. O problema não reside nas categorias humanas, mas na ordem das coisas. Não se trata apenas da ontologia dos tubos, mas de muitas outras ontologias que, desde os Gregos, fomos identificando na realidade. O velho pitagórico Filolau de Crotona dizia que tudo que

existe se organiza em Ilimitados, Limitadores e Harmonia entre os dois, e Platão, no *Filebo*, continuou esse inventário de formas que têm império sobre tudo, incluindo a vida humana, com a reflexão que fez sobre os quatro géneros ontológicos maiores: o Ilimitado, o Limitado, a Mistura e a Causa. Sejam estes grandes esquemas descritivos da realidade, sejam outros mais recentes, para onde quer que olhemos, só está ao nosso alcance encontrar assuntos, coisas e pessoas que partilham as mesmas estruturas ontológicas. Estamos no Espanto, o Festival Internacional de Filosofia, e aí só encontraremos essas estruturas; vamos para casa, só encontraremos isso; poderemos viajar para a Grécia ou para o Japão, mas lá só encontraremos isso também. Não há forma de fugir!

Temos um vasto catálogo de propostas de descrição da realidade, mas também temos o facto embaraçoso de todas serem semelhantes em algum aspecto. Poderíamos dedicar vidas inteiras a listar as semelhanças. Mais ainda: poderíamos até fazer testes concretos desses catálogos. Estamos num festival de filósofos. Como as publicações de todos esses filósofos são de acesso público, poderíamos tentar descobrir se, nesses milhares de páginas, surge algum assunto que não seja semelhante a qualquer outro assunto em algum aspecto. A minha conjectura é a de que os filósofos aqui reunidos não conseguiram oferecer um único assunto que não seja semelhante em algum aspecto a qualquer outra coisa, incluindo a mais trivial. O pensamento mais excelso, sofisticado e inesquecível partilhará características com o pó dos sapatos, como a forma e a existência. E não apenas estes filósofos. Poderemos fazer investigações sobre as publicações de *todos* os filósofos que trabalharam nas universidades desde a Idade Média: algum deles terá falado sobre algum assunto que seja excepção ao constrangimento metafísico de que tudo é semelhante a tudo em algum aspecto? Não vale a pena responder. Como misturadores de músicas nas discotecas, todos esses bravos filósofos limitaram-se a ir ao grande armazém das coisas e juntar meia dúzia delas para criar algum caso que lhes tenha parecido interessante. Divertiram-se muito com isso, sentiram que as suas vidas têm

sentido e que era precisamente isso que deveriam ter feito, tiveram leitores que também apreciaram essas artes do engano, e, no fim, uns e outros serão levados para sempre. A este enorme equívoco, uma das maiores ilusões da humanidade, a bilionésima manifestação do mito do herói salvífico, chama-se Filosofia.

3

Conhecemos tudo isto pelo menos desde Parménides. Os constrangimentos metafísicos que ele e outros depois dele nos auxiliaram a compreender têm um império tão desproporcionado sobre a nossa vida que, no desamparo da vida que nos aconteceu, fixamo-nos em conteúdos que nos possam distrair. Inventámos assuntos que, de facto, não existem. Repare-se no tema do nosso Festival: o medo. Como é possível falar de medo num mundo em que tudo é semelhante a tudo em algum aspecto e em que todas as bondades são pagas ao preço do olvido de outras bondades ou até ao preço de maldades? Mesmo que os velhos dinossauros renascessem e comesçassem a destruir as nossas cidades, não haveria razão para ter medo. Esses dinossauros seriam semelhantes a nós: teriam código genético, assim como nós temos; seriam semelhantes a tubos, assim como nós somos; seriam feitos de átomos e teriam formas, assim como nós; teriam comportamentos e desejos, assim como nós... Você disse que as guerras causam medo? É falso, porque um assunto velho como a guerra é semelhante a todas as guerras que já aconteceram e ocupam as páginas de enciclopédias gigantescas em que as listámos, para não nos esquecermos delas, tão elevado é o seu número. Um ou outro pensador, em desespero patético por não conseguir dar exemplos de situações que justifiquem verdadeiramente o medo, lá recorre à hipótese de destruição da própria humanidade devido ao colapso do ambiente causado pela acção humana. O fim da humanidade assustará indubitavelmente as almas mais sensíveis, porque, na sua ignorância, estão olvidadas de catástrofes semelhantes que já terão

possivelmente ocorrido no passado. Quantas “humanidades” desapareceram no passado? A lista é longa: Neandertal, Flores, Denisova... Do lado da imaginação, a literatura teosófica oitocentista foi pródiga a listar possíveis humanidades pré-adâmicas. Baste este exemplo tremendo para ver que, por muito grande que seja a imaginação do mal, tudo se limita à repetição do que já aconteceu, ou, dando fé a essa literatura, do que já teria acontecido várias vezes no passado. O objecto do medo mais extremado em que conseguimos pensar é semelhante ao que já foi muitas vezes imaginado ou até ao que já aconteceu.

Há uma indústria pujante que vive a produzir medos que não têm razão de existir. Recentemente lançou-se o enésimo avatar do perigo que corremos devido às consequências da Inteligência Artificial. Mas como é que poderemos ter medo do novel brinquedo da Inteligência Artificial se todos os resultados das suas computações são semelhantes a tudo o resto em algum aspecto? Algumas pessoas lançam para o ar ideias assustadoras como a da singularidade tecnológica e a de computadores com o tamanho de galáxias, não se apercebendo de que, também nesses casos, o que essas máquinas vierem a fazer será semelhante em algum aspecto ao que já existia antes de elas serem construídas, a começar, obviamente, pela propriedade da existência e pelo facto óbvio de não se terem dado a si mesmas a existência, o que as irmana às crias dos animais, aos bebés humanos e... a tudo o resto. Para fazerem o que irão fazer, só o poderão fazer se existirem e se alguém as construir. E não só. Terão de ter ontologias semelhantes à dos quatro géneros, o *Filebo*, de Platão. A Inteligência Artificial mais revolucionária em que possamos pensar, do ponto de vista metafísico, não é mais complexa do que a cadeira mais banal em que nos sentamos. Será uma entidade com limitadores e ilimitados, misturará uns e outros, e, para existir, terá de ter uma causa. Exactamente como uma cadeira, uma chave de fendas, a sopa que iremos comer ao almoço ou um bebé. E, a complicar tudo, todas as bondades que alcançarmos com essa ferramenta serão pagas por bondades passadas de que nos esqueceremos e por maldades de que hoje

não nos apercebemos. Exactamente como qualquer coisa trivial da vida humana. Qualquer bondade que possamos experienciar implica pelo menos a pequena maldade de impedir que outra bondade possível possa ocorrer. A pessoa que mais amamos e o livro que mais nos encanta assinalam a impossibilidade de amarmos outras pessoas e de lermos outros livros ao mesmo tempo. Medo? De quê? Num mundo em que tudo é semelhante a tudo em algum aspecto, só por má-fé se poderá dizer que há novas razões para sentir medo. Não há. Nunca houve. Vivemos na terra do Mesmo.

A indústria da esperança está sempre a produzir ilusões: ele é o Esclarecimento Científico, ele é a Compreensão Filosófica, ele é a Revolução Política e a Emancipação do Homem das suas servidões, ele é a Saúde para todos num mundo em sempre campeonou a doença, os acidentes e a morte, ele é o *avant-garde* dos movimentos artísticos que propõem formas estéticas que são semelhantes às formas estéticas que já existiam antes, ele é a Salvação e a Redenção da humanidade por algum deus de serviço... A indústria da esperança não se cansa nunca, distrai-nos e entretém-nos a toda a hora. No fim, seremos levados. Não há Esclarecimento, Compreensão, Emancipação ou Saúde que nos valha. Pensamos que o mundo nos irá permitir tudo isso, mas essa crença é falsa. Pensamos que o mundo tem assuntos que nos causam medo, mas esse pensamento é também falso. Na enorme falta de sabedoria que nos caracteriza, até dizemos que, pelo menos, o Amor está ao nosso alcance, mas isso também é falso, porque o mundo nunca teve Amor, mas apenas coreografias masturbatórias em que cada um só sente as suas coisas, mas depois mente com quantos dentes tem na boca e diz que se uniu a outra pessoa, e que isso é Amor. Não há Amor.

4

Como a Filosofia se esqueceu da Sabedoria que está na sua génese, entreteve-se no passado e entretém-se hoje a imitar esta pérfida indústria da

esperança e da ilusão, com manifesta inveja das actividades humanas que lá vão inventando discursos sobre alegados esclarecimentos, alegadas compreensões, alegadas novidades e alegadas salvaçãoes. Mais brinquedos para nos distraírem da única sabedoria que é ver de modo meridiano que não está ao nosso alcance nada do que a esperança propõe.

A esperança, nas suas muitas manifestações, incluindo a filosófica, gosta de amplificar as pequenas diferenças ao máximo. É como a Ciência moderna ou como a Política, actividades fascinadas pela ilusão de progresso. Como é que acontece a ilusão? O progresso deveria ser medido em relação ao que não se conhece, mas isso não é possível porque, precisamente, não se conhece e, como tal, não pode servir de ponto de referência; ora, o plano B é comparar o que se sabe hoje com o que se sabia no minuto anterior, na hora anterior ou no dia anterior, e amplificar essa diferença miserável. Parece-nos que há progresso porque nos tomamos a nós mesmos como ponto de referência. Mais coreografias para nos entretermos.

Nada há a fazer contra este estado de coisas. Nunca houve. Nunca haverá. Podemos apostar que, daqui a um século, os filósofos farão exactamente as mesmas coisas que fazem hoje: irão ao grande armazém das coisas, juntarão meia dúzia delas em associações para impressionar as pessoas carentes de consolação, ou, como se dizia no século XIX, para *épater la bourgeoisie*, e promoverão ilusões de compreensão. É o seu *business*. Não têm outro. Precisamos dessa consolação como precisamos de pão e de sapatos. No fim, não se compreenderá mais do que já se compreendia. Não ficarei surpreendido se os filósofos vierem a ficar desempregados com a chegada da Inteligência Artificial. As duas Filosofias, a humana e a da IA, partilham a propriedade comum de servidão ao constrangimento metafísico da semelhança. Combinando infundáveis assuntos entre si, poderemos ter no futuro lojas a vender livros filosóficos mais interessantes e sofisticados do que qualquer um que tenha sido escrito no passado por seres humanos. As pessoas do futuro aprecia-

rão um ou outro e filiar-se-ão em escolas filosóficas computacionais. Haverá tradições e modas de pensamento computacional. As combinatórias feitas de nada, produzidas por vastos poderes computacionais que hoje não conseguimos antecipar, serão as novas bermas de estradas que se encontram no infinito. Mas, antes de percorrermos essas estradas, já sabemos a que conduzem: a nada. Parménides antecipou todos os futuros humanos. O que quer que venha a acontecer só poderá acontecer na esfera do ser, e fora dela nada existe. Por isso, as computações futuras apenas nos darão variações da ida ao supermercado: vamos lá, pomos meia dúzia de coisas no saco, e depois voltaremos para mais do mesmo. Certamente que compreenderemos coisas que hoje não compreenderemos. Há um novo Japão à nossa espera. Ninguém contestará isso, mas enfatize-se que o que está em causa é mais subtil: o que viermos a compreender no futuro terá de ser semelhante em algum aspecto a tudo o que já existia no passado.

5

Perante tudo isto, só vem ao espírito a imagem de uma prisão terrível, uma prisão metafísica de que nunca conseguiremos sair. A história da Filosofia andou a enganar a humanidade dizendo-lhe que estava ao seu alcance a Compreensão. A história da Política andou a enganar a humanidade dizendo-lhe que ela poderia alcançar o Fim da Servidão. A história das Religiões andou a enganar a humanidade dizendo-lhe que há uma Salvação.

Há catálogos de tudo isto, semelhantes aos catálogos das lojas. Todas essas pessoas se *esqueceram* de dizer que, mesmo que essas esperanças se realizem, não teremos mais do que já tínhamos antes (metafisicamente falando).

Tudo o que fizemos no passado, tudo o que fazemos hoje, tudo o que poderemos vir a fazer se resume a combinar, mudar de posição e misturar coisas. Como uma manta de dormir, puxamos para tapar os ombros e acabamos por destapar os pés. Nada mais.

Aliás, nem as experiências sublimes dos místicos nem a morte conseguem fazer melhor. As primeiras só encontram entidades que existem, e basta isso para partilharem pelo menos a propriedade da existência com as folhas das árvores. Quanto à morte, quando se estudam as representações do que acontece à alma depois da morte, só encontramos mais do mesmo. Recordem-se apenas as quatro representações da terra da morte que Platão nos ofereceu: há aberturas do Céu e da Terra, caminhos, dores, juízes, linguagem, pedras preciosas, prados, prazeres e viáticos pendurados ao pescoço das almas. Temos bibliotecas milenares de representações *post mortem* e de textos ditados por almas desencarnadas. Até a alma do corajoso Lawrence of Arabia ditou um *Post-Mortem Journal*, em 1938. Os sofisticados professores universitários da nossa época, que vivem nos armários estreitos da especialização científica vidas espiritualmente pobres, e todos os anos mais simples, fingem que nada disso existe, e não se dão ao incômodo de ver que, se perdessem um minuto a ler esses textos, veriam que a sobrevida se limita a continuar a prisão da vida. Julgamentos, tormentos e prazeres beatíficos apenas continuam o que já acontece na vida terrena. Nem mais nem menos. A morte é apenas uma região da terra do Mesmo.

Não se conhece forma de sair da prisão metafísica a que se chama existência. Não há, pois, qualquer Esclarecimento a fazer ou qualquer Verdade a transmitir. O Novo não está ao alcance dos seres humanos. A Filosofia e as outras actividades humanas limitam-se a entreter as pessoas. Servem para isso: entreter, só entreter, nada mais do que entreter. São artes simpáticas, sem grandes verdades, mas úteis para nos distrairmos de tal forma que não tenhamos consciência da prisão metafísica da qual nunca sairemos. A Filosofia não tem uma Salvação a oferecer. As pessoas passam um bom tempo com ela, algumas fazem carreiras profissionais alegadamente dedicadas a ela, esperam que tudo termine, e depois são levadas. Há vinte e seis séculos que somos enganados pela ideia de que está ao nosso alcance a Compreensão. Talvez. Todavia, quando nos lembramos de verificar as bermas dessa estrada, concluímos que a viagem que proporcionou foi interessante, passá-

mos um bom tempo e conseguimos boas memórias, mas não nos levou a lado algum. Compreender *para nada*, Salvação *para nada*, Espanto *para nada*.

Seja como for, podemos pelo menos entreter-nos num Festival de Filosofia dedicado ao medo, porque este tema dá-nos o conforto de sermos relevantes na ordem das coisas. Com esse tema sem interesse, e desprovido de qualquer verdade, teremos oportunidade de falar sobre nós mesmos, sobre o nosso umbigo e as nossas sensações, esperanças e angústias. É claro, os bravos filósofos, sem nada de verdadeiro ou de novo a dizer ao mundo, lá se lembraram de imitar os jornalistas e apresentadores de programas de televisão, e vai daí debitaram vasto palavreado sobre a “situação contemporânea”, garantindo que vivemos desafios absolutamente novos e complexos na história da humanidade. Presunção e água benta... Olvido e esperança... Ilusão e razão... É o circo que mais nos entretém: adoramos falar de nós mesmos, e é isso que, como se prova pelos documentos mais antigos da China, da Mesopotâmia, do Egipto e da Grécia, temos andado a fazer nos últimos milénios. No *Código de Hamurábi*, da antiga Babilónia, encontraremos coimas para médicos negligentes, assim como, trinta e nove séculos depois, ainda temos nos nossos ordenamentos jurídicos. No *Escudo de Aquiles*, do canto XVIII da *Ilíada*, vemos que a forma de vida da Idade do Bronze é estranhamente semelhante à nossa própria vida: cidades, guerras, casamentos, agricultura, juízes, gosto pela música, pela dança, pelo vinho e pelo mel... tudo semelhante. Nunca vivemos uma vida só nossa. Nunca viveremos. Acreditamos que somos pessoas únicas, mas essa crença não tem fundamento. Nunca conheceremos pessoas únicas, originais, mas apenas cópias semelhantes a outras vidas, e mesmo os laços que nos ligam a elas são semelhantes aos laços que já uniram outras pessoas. O amor não é nosso. A ternura não é nossa. As crenças religiosas mais íntimas não são nossas. É tudo emprestado.

Desenganemo-nos, pois, da esperança que a Filosofia oferece, e desenganemo-nos também do alegado medo que sentiremos. Mas tanto faz, bem vistas as coisas, porque, mesmo desenganados, não está

ao nosso alcance viver de modo diferente. A pessoa desenganada só pode ter uma vida semelhante à da pessoa enganada. É provável que o Engano seja mais doce do que a Compreensão. Com verosimilhança, só sabemos isto: não está ao nosso alcance qualquer outra forma de vida na terra do Mesmo. Por isso, melhor é impossível. O embaraço é desagradável, mas rapidamente nos distrairemos com qualquer outra coisa. Sempre foi assim. Para nada.¹

¹ Agradeço a Catarina Barosa o convite para proferir esta conferência. Agradeço também as palavras generosas de Cláudia Lucas Chéu e Peter Sloterdijk.